

## Editorial

*Maria Bernadette Velloso Porto*

No Caribe e nas Américas negras, a noção de estética está vinculada, necessariamente, à história do negro, ao longo da qual ele soube (re)criar tradições graças a práticas de *marronnage* (fuga, no sentido literal, cultural e intelectual), capazes de assegurar sua sobrevivência a despeito de tentativas de assimilação e alienação por parte do discurso etnocêntrico dos colonizadores, cujos efeitos se fizeram sentir durante séculos na vida cotidiana e no imaginário coletivo daqueles a quem o escritor e ensaísta da Martinica Edouard Glissant chama de “migrantes nus”. Enquanto representantes de “coletividades novas” (BOUCHARD, 1997), buscando defender sua diferença - apesar dos apelos à despersonalização e à pulsão mimética (GLISSANT, 1997), os negros tiveram de se adaptar às novas condições de vida, adotando, não somente uma cultura da revolta, mas também “artes de fazer” (CERTEAU, 1990) e de dizer ligadas à astúcia, aos desvios, à reciclagem e à *débrouillardise* (isto é, a capacidade de resolver problemas de ordem prática pelo *savoir-faire*, pelas artimanhas de uma inteligência associada à sagacidade e à capacidade de driblar regras estabelecidas). Fora da esfera da vida prática, reconhece-se, no âmbito da literatura, a presença inventiva dos desvios e da reciclagem, e as astúcias de personagens e narradores como formas privilegiadas da arte da palavra.

No universo caribenho, o fato de culturas muito diversas terem sido colocadas em contato em lugares relativamente restritos resultou no surgimento de uma identidade original –ou de identidades originais – marcada(s) pelo híbrido, que não poderia(m) ser reduzida(s) a um só componente cultural. Como afirmam os signatários do já célebre livro-manifesto *Eloge de la créolité* (CHAMOISEAU, CONFIAINT e

BERNABE, 1989), os caribenhos de língua francesa não se definem mais por uma dupla exterioridade (a França inicialmente e depois, a África, devido à tomada de consciência da negritude), mas enquanto crioulos. Recusando-se a se ver como africanos ou europeus, os autores da mesma obra se proclamam crioulos, o que, em relação às propostas de autores do movimento da Negritude, nascido nos anos trinta, em Paris, coloca a questão identitária dos caribenhos francófonos sob outro prisma. Do projeto da Negritude à defesa da criouldade e da crioulição (GLISSANT, 1997), passando pelo conceito de antilhanidade (GLISSANT, 1997), escritores, intelectuais e artistas não cessam de se interrogar sobre as construções identitárias nas Antilhas, que remetem a outras realidades culturais de nosso tempo a partir da lembrança dos movimentos do rizoma, noção de Deleuze e Guattari retomada por Glissant.

Assim, ilustração significativa do que Glissant denomina crioulição, processo imprevisível e inacabado de contato de várias culturas ou de elementos culturais de origem diversa em um só lugar, sem que daí resulte uma soma ou síntese dos mesmos elementos, o Caribe oferece vasto material de reflexão aos estudiosos interessados por questões da contemporaneidade. Para além de especificidades lingüísticas, históricas e geográficas, as culturas caribenhas dialogam entre si, atualizando de forma inventiva a Poética da Relação (GLISSANT, 1997).

Reunindo sobretudo pesquisadores cujos estudos privilegiam a produção literária das Antilhas de língua francesa, o presente número da *Revista Brasileira do Caribe* apresenta, em seu conjunto, textos que tratam de conceitos fundamentais para a compreensão das identidades negra e crioula; de movências e percursos identitários; de estereótipos e práticas criativas de resistência; de mecanismos de alienação e de processos que levam à subjetividade; de escritas e poéticas do entre-lugar; das relações produtivas entre oralitura e escrita; de memórias e de paisagens onde se inscrevem histórias plurais de seres anônimos, que, sob determinado ângulo, podem ser vistas como mais verdadeiras do que a História oficial. Ao se ancorarem no vivido, relido à luz de uma consciência histórica e geográfica alargada, o *corpus* escolhido constitui uma das portas de entrada a esse universo cultural tão rico e complexo que é o Caribe.

Na abertura deste volume da revista do CECAB, atenta ao

cronotopo narrativo da viagem no desenvolvimento da literatura latino-americana, Elena Palermo González reconhece que ele remete ao discurso antropológico e histórico, revestindo-se de um sentido transcultural. Orientando seus estudos para a leitura da obra de Alejo Carpentier, a pesquisadora se detém no romance *Los pasos perdidos* no qual identifica a metáfora da América como grande máquina do tempo em que coabitam diferentes temporalidades, avessas à lógica ocidental. Ao salientar a figura do viajante como referência obrigatória para se ler a América – e poderíamos dizer o Caribe – a professora aponta o caráter híbrido desse lugar de convergências plurais.

Ao escolher, como proposta de análise crítica, a presença da paisagem insular no imaginário de autores caribenhos de língua francesa (Martinica, Guadalupe e Haiti), dou ênfase ao gesto simbólico de apropriação espacial por parte de seres que foram desterritorializados no início de sua existência no Caribe e nas Américas. Nesse contexto, a reelaboração identitária esteve ligada às estreitas relações estabelecidas entre o homem e sua paisagem, que, através da imagem da ilha, sugere a idéia de exigüidade. Todavia, levando em conta que a literatura e as artes em geral propiciam a liberação do espaço e o alargamento de limites, ressalto que a experiência do exíguo representa um convite ao gesto de se ir além das fronteiras.

Partindo dos sérios problemas que continuam a afetar ainda hoje o Haiti –onde a negritude se pôs de pé pela primeira vez na história, segundo Aimé Césaire – Eurídice Figueiredo retraça o percurso histórico de um país que já foi considerado a jóia do Caribe. Além desse importante referencial histórico, o artigo em questão oferece pistas valiosas do Haiti sob o ponto de vista artístico e literário, a partir de reflexões sobre o indigenismo, o negrismo, a negritude e suas interfaces com outros movimentos no Caribe e com as vanguardas européias. Ao destacar diálogos entre autores haitianos e outros caribenhos, Eurídice Figueiredo enfatiza a relevância do realismo maravilhoso na cultura do Haiti que inspirou o próprio Alejo Carpentier, como ele próprio o reconheceu no prefácio ao romance *O reino deste mundo*.

A fragmentada identidade do negro da diáspora e os fantasmas associados ao negro – como já o mostrara Frantz Fanon em seu célebre *Peau noire, masques blancs* – são tratados por Irene de Paula em seu texto dedicado à obra de Dany Laferrière, haitiano que, como tantos outros, fugindo à ditadura de seu país natal, viveu muitos anos no

Quebec, onde se consagrou como escritor. Presa à experiência cotidiana, ao conteúdo autobiográfico e à pluralidade de referências culturais (haitiana, quebequense, estadunidense, africana e francesa), a escrita de Laferrrière remete a três países das Américas (Haiti, Canadá –o Quebec, em particular – e os Estados Unidos). Recusando-se a ser definido por um viés em especial, o autor coloca em cena aspectos do homem americano (isto é, das Américas), suscetível de imprevisíveis metamorfoses. Ao rever clichês comumente associados ao negro, graças à irreverência de seu humor e à sua ironia criativa, ele se opõe a qualquer tendência ao essencialismo e ao reducionismo identitário.

Outro artigo de autoria de um haitiano é o de Celina Scheinowitz que abre para o público brasileiro a possibilidade de acesso à lírica de um nome pouco divulgado entre nós. Percorrendo, com sutileza e acuidade, os “territórios da incomunicabilidade” do poeta Davertige, a pesquisadora traz uma inegável contribuição para os estudos de sua poética. Com sensibilidade e rigor analítico, Celina Scheinowitz aponta paralelismos entre o poema “Les cendres masquées. Pour un cycle incomplet du voyage” e o surrealismo, o que confirma o diálogo entre a produção literária caribenha e outras literaturas. Como é sabido, no caso de Aimé Césaire, o vínculo com o surrealismo, através de André Breton, foi muito produtivo.

Saindo do espaço haitiano, outros trabalhos se voltam para a Martinica. Ao reler a famosa obra *Cahier d'un retour au pays natal*, de Aimé Césaire, Arnaldo Rosa Vianna Neto se engaja na análise da contribuição da Negritude no âmbito do processo de construções identitárias nas Antilhas francesas. Para tanto, apóia-se em referências significativas – textuais e teóricas – que fornecem ao leitor do *Cahier* dados relevantes para sua compreensão. É o caso dos *Manifestes du surréalisme* (André Breton), dos prefácios “Orphée noir” (Sartre) e “Généralités sur l'écrivain de couleur antillais” (Ménil), do livro *Bonjour et adieu à la négritude* (Depestre), entre outros. Encarando o projeto cultural da Negritude como um contraponto ao paradigma estético ocidental, o mesmo artigo prioriza o entre-lugar da subjetividade pós-colonial.

Em seu texto “Aimé Césaire: da anamnese à enunciação”, Kátia Frazão Costa Rodrigues traz para o centro das discussões o grande nome da Negritude antilhana, relido na cena da contemporaneidade. A partir da leitura crítica de entrevistas de Césaire a Françoise Vergès, professora de Ciências Políticas na Universidade de Londres, publica-

das na obra *Nègre je suis, nègre je resterai* (2005), o artigo salienta a evolução de uma subjetividade e o processo criativo de anamnese. Em suas reflexões, a autora se vale da Psicanálise e da Filosofia para dar conta da plurivocidade de um poeta que afirma pertencer a vários lugares.

Através da reflexão sobre a descoberta da alteridade no contexto antilhano de língua francesa, o texto de Geraldo Pontes Júnior propõe pistas relevantes para a abordagem de manifestações teatrais no Caribe francófono. Para atingir sua meta, recorre a dois representantes da produção literária antilhana, Aimé Césaire e Edouard Glissant. Confrontando posições assumidas por esses dois grandes nomes da francofonia americana com a dos autores do *Eloge de la créolité*, o autor do artigo mostra a evolução da apreensão da identidade antilhana ao longo da história. No desdobramento de seu texto, ele focaliza duas obras da dramaturgia de Césaire: *La tempête*, reescrita paródica de Shakespeare, e *Monsieur Toussaint*, centrada em Toussaint Louverture, libertador do Haiti.

Empreendendo uma análise aprofundada do livro *Martinique*, do escritor martinicano Patrick Chamoiseau, Jovita Gerheim Noronha mostra como esse texto, publicado no mesmo ano do *Eloge de la créolité*, dialoga de perto com idéias e propostas presentes no mesmo livro-manifesto. Segundo a pesquisadora, ao escolher um gênero consumido pelos turistas em geral – um guia de viagem –, Chamoiseau não só reflete aí seu próprio percurso intelectual e político, como também surpreende o leitor que esperaria encontrar nesse livro informações turísticas. Ao se apoiar e ao renovar o gênero em questão, o escritor leva em conta os vestígios de história inscritos nas paisagens de sua ilha.

Em seu artigo “O *Sabido* e o *Vivido* caribenhos: métodos, ganhos e limites da literatura da Crioulidade”, Luciano Picanço dá ênfase à revisão do conceito criado por Patrick Chamoiseau, Raphaël Confiant e Jean Bernabé. Segundo os defensores da Crioulidade, não se trata de um movimento literário, mas de um conceito ontológico rentável para se explicar a realidade antilhana. Para melhor compreender a complexa relação entre a Crioulidade e a cultura, o pesquisador se apóia na dicotomia “vivido/sabido” proposta por Glissant, para quem a experiência diária não coincide com o “sabido” antilhano, visto como resultado da ideologia colonial.

Após as incursões pela Martinica, a Guadalupe, outro depar-

tamento francês de ultramar, constitui o alvo de interesse de trabalhos acadêmicos. Márcia de Jesus Pessanha focaliza a representação da cotidianidade no romance *Léonora, l'histoire enfouie de la Guadeloupe*, de Dany Bebel-Gisler. Visto como um exemplo da literatura-testemunho, ao lado da riqueza textual, o livro em questão contém fotografias que retratam cenas da vida cotidiana e paisagens, assim como um glossário, através dos quais se delineia uma visão histórica e sociológica do contexto antilhano. Associado à memória ancestral e à invenção do cotidiano, ressalta-se, no artigo proposto, a figura do contador de histórias, mestre da performance ligada à arte da palavra e responsável pela manutenção e renovação da tradição oral da ancestralidade.

A complexa questão identitária do Caribe francês é estudada por Humberto Luiz de Oliveira em sua análise do livro *L'Espérance macadam*, de Gisele Pineau (francesa de origem e filha de guadalupenses), no qual se destaca a representação ficcional de seres marcados por uma dupla condição minoritária (a de mulheres negras). Focalizando o percurso do personagem central do romance, que passa da vivência do exíguo, do desterro, da inautenticidade e do esquecimento à conquista de sua própria identidade e das tradições afro-caribenhas, o autor do artigo realça a relação entre “destino individual e coletivo, condição para a humanização do homem” e o caráter de resistência da obra de Pineau que se mostra avessa a práticas alienantes e universalizantes.

Fechando o número desta publicação e abrindo outras vias de acesso à realidade caribenha, a entrevista concedida pelo escritor Patrick Chamoiseau a Magdala França Vianna representa um documento valioso para a compreensão de um universo tão próximo e, ao mesmo tempo, ainda tão pouco explorado pelas pesquisas brasileiras. É de se esperar, com a presente publicação, que se exerça, cada vez mais, a prática maior da Relação na área de estudos científicos de qualidade centrados no Caribe, em uma época em que, segundo Edouard Glissant, o mundo se crioula a cada dia.

## **Bibliografia**

BERNABE, Jean, CHAMOISEAU, Patrick, CONFIAINT, Raphael. *Eloge de la créolité*. Paris: Gallimard, 1989.

BOUCHARD, Gerard e LAMONDE, Yvan. *La nation dans tous ses états. Le Québec in comparaison*. Montreal: Hammattan, 1997.

CERTEAU, Michel de. L'n Invention du quotidien I Arts de faire. Paris, Gallimard, 1990.

GLISSANT, Edouard. Poetique de la relation. Paris: Seuil, 1990.

GLISSANT, Edouard. Introduction a une poetique du divers. Montreal: Presses de l' Universite de Montreal, 1995.

GLISSANT, Edouard. Le discours antillais. Paris: Seuil, 1997.